

Aliança de Ciro se mantém

Ugo Braga

Da equipe do **Correio**

O PDT e o PTB recuaram e puseram fim à crise aguda que tinha acometido a Frente Trabalhista, aliança pela qual o ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes, do PPS, concorrerá à Presidência da República. Como tinham prometido, os dois partidos se unirão para lançar candidatos comuns nas eleições estaduais e proporcionais nos 27 estados. Mas, ao contrário do que vinham dizendo nas últimas 72 horas, não haverá veto ao PPS nos palanques regionais. As três siglas subirão no mesmo palanque na sucessão presidencial e só não se coligarão onde não houver entendimento — atualmente os problemas estão restritos ao Rio Grande do Sul e ao Paraná. O maior problema é no Rio Grande do Sul. O ex-governador Antonio Britto, do PPS, lidera as pesquisas. Mas o PDT não o aceita como candidato, e busca impor José Fortunati, ex-vice-prefeito de Porto Alegre. Ocorre que ele tem apenas 4% nas pesquisas. O PPS briga por Britto. O PDT não aceita.

O recuo estratégico foi decidido numa reunião de mais de duas horas entre as executivas

nacionais do PDT e do PTB, realizada ontem à tarde, na sede do PDT. Comandado pelo ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola e pelo deputado José Carlos Martinez (PTB-PR), o encontro serviu para os trabalhistas ouvirem juras mútuas de amor eterno e falar mal do senador pernambucano Roberto Freire, presidente nacional do PPS, a quem chamam de “teimoso, desagregador e arrogante”.

Na saída da reunião, os dirigentes dos dois partidos trabalhistas divulgaram uma nota oficial em tom adocicado, na qual passaram o recado: “PDT e PTB (...) decidem coligar-se também nas eleições estaduais em todo o país (...), sem excluir outros partidos identificados com os nossos compromissos”. Divulgado em tempo real pelas agências de notícias, o texto fez Roberto Freire, que esperava algo bem mais agressivo, abrir um sorriso de contentamento em seu gabinete, no Senado. “Acho que está tudo bem”, comentou com assessores.

Embora o que valha seja a letra fria da nota oficial, Brizola e Martinez afiaram a língua nas entrevistas depois da reunião. E ensaiaram que a manutenção da Frente Trabalhista, embora asse-

José Paulo Lacerda/AE



PDT e PTB, UNIDOS, APOIARÃO CIRO GOMES NACIONALMENTE E SE ALIARÃO COM O PPS ONDE HOUVER ENTENDIMENTO

gurada no momento, continuará correndo riscos nos próximos dias. “O PPS? Na coligação dos estados, está fora”, bradou Martinez, vetando em viva voz o que havia aceito por escrito. Brizola o acompanhou. “Cada partido tem seu tempo de TV, mas só é obrigado a dá-lo ao seu candidato a presidente. Não somos obri-

gados a repartir nosso tempo com os candidatos a deputado de outros partidos”, afirmou o caudilho pedetista.

Quando fala “repartir nosso tempo”, Brizola está se referindo aos programas eleitorais gratuitos da eleição proporcional. Juntos, PDT e PTB têm mais de cinco minutos — três vezes por sema-

na, a partir de agosto — para expor seus candidatos a deputado federal país afora. Sozinho, o PPS tem humilhantes 18 segundos. Ou seja, se o PPS não se coligar aos companheiros de aliança também na chapa proporcional, terá chance remotíssima de fazer uma bancada razoável na Câmara dos Deputados.